Política

MAMATA

Sarney não revela se já sabia que o pivô central de irrigação da Fazenda da Onça está pendurado numa dívida de Cz$ 56,5 milhões com o Banco do Brasil, acumulada desde o Plano Cruzado. Ontem, ele ajudou a inaugurar o sistema, mas deixou claro: "O governo não pode anistiar devedores".

Sarney: "Não podemos dar o que não é nosso"

Na Fazenda da Onça, no município de Luziânia, em Brasília, o presidente Sarney participou ontem da inauguração do pivô central de irrigação — um sistema que ainda não está pago. Os proprietários da fazenda fazem parte daquela leva de produtores rurais que se endividaram durante o Plano Cruzado. Eles estão inadimplentes com o Banco do Brasil e querem a anistia creditícia. Nem Sarney nem seus assessores revelaram ter conhecimento do problema, mas, abordado pelos repórteres, ele foi claro: o governo não pode anistiar os devedores porque o dinheiro que administra é do povo. "Nós não podemos dar aquilo que não é nosso nem escolher a quem devemos dar", esclareceu o presidente.

Segundo Sarney, portanto, o dinheiro do contribuinte só pode ser utilizado para oferecer financiamento, abrir estradas, levar energia elétrica e fornecer incentivos: "O que o governo não pode é doar". Se tivesse de resolver os problemas bancários dos que se endividaram no entusiasmo de 1986, só na Fazenda da Onça teria a enfrentar dívidas de Cz$ 56,5 milhões. Na época do Plano Cruzado, esse montante não ultrapassava Cz$ 5 milhões.

Se Sarney prometeu alguma solução para os proprietários da fazenda, ninguém ficou sabendo. Um dos proprietários disse que falaria com o presidente sobre o assunto, mas fugiu dos repórteres depois da inauguração do pivô de irrigação. Antes, ele havia explicado que a visita do presidente à sua propriedade foi acertada pelo prefeito de Luziânia, Orlando Roriz — por coincidência, amigo pessoal de ambos.

Para o público presente à inauguração, Sarney prometeu outras coisas: entregar o governo a seu sucessor com as finanças saneadas. Garantiu ainda que o Brasil vai deixar de ser o "país do caranguejo" para voltar a ser o "país dos bandeirantes", com prioridade para o Interior, "onde não há a violência das grandes cidades".

Mas Sarney ainda fez uma previsão para o Centro-Oeste, onde está localizado o município de Luziânia. Segundo ele, a região será, no futuro, a concorrente da Califórnia, nos Estados Unidos, que Sarney acredita ser "uma das mais ricas do mundo". E o desenvolvimento ali, disse, será mais rápido, "porque, ao contrário dos tempos de desbravamento da Califórnia, a região aqui conta com a tecnologia a serviço do homem".

Para conseguir isso, Sarney diz que precisa antes afastar os pessimistas que, como lamentou, o fazem enfrentar "um mar de ondas gigantescas" — "que eu enfrento com firmeza". E advertiu que não é o presidente quem faz o País, mas o povo: "É preciso acabar com essa mentalidade de que o presidente é o salvador e resolve tudo".

Sarney: promessas e previsões.